

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Comunicação sobre:

“Opera Inglesa II:
Ralph Vaughan Williams: The Poisoned Kiss”

Quinta-feira, 09/06/2011, 23h00

Quinta-feira, 16/06/2011, 13h00

Duração comunicação: 60 minutos

Resumo:

Em pleno período barroco, no século XVII e primeira metade do XVIII, o termo “Sinfonia” designava, entre outras coisas, a abertura instrumental de uma ópera. Na tradição italiana, a sua estrutura era em três partes ininterruptas, com a sequência rápido/lento/rápido. Do ponto de vista histórico, essa virá a ser uma das origens da “sinfonia” enquanto conceito clássico.

Ao longo da segunda metade do século XVIII e, depois, no XIX, certos compositores, fazendo jus à tradição ancestral, mantiveram esta designação de “sinfonia” na abertura de algumas das suas óperas – em particular compositores do lado italiano da história.

Mas para sermos justos, poucas aberturas de ópera tiveram um carácter tão... *invulgarmente sinfónico* quanto a da ópera ***The Poisoned Kiss (O Beijo Envenenado)***, de Ralph Vaughan Williams – que não se chama “sinfonia” mas simplesmente “abertura”, e que porém (reparem) segue não apenas uma lógica sinfónica, mas adopta também o sistema formal da própria abertura barroca italiana, com a característica sequência rápido/lento/rápido.

Ralph Vaughan Williams, ***The Poisoned Kiss***: abertura.

Ópera Inglesa no século XX: Ralph Vaughan Williams, a abertura da ópera ***The Poisoned Kiss (O Beijo Envenenado)***, “*a romantic extravaganza*” em três actos composta em finais da década de 1920, estreada em Cambridge, em Maio de 1936.

The Poisoned Kiss é um conto de fadas, onde as personagens principais são um mágico e uma imperatriz que, enquanto jovens, se amavam e aspiravam a unir as suas vidas. O destino afastou-os, porém, ao longo de muitos anos, fazendo com que cada um deles incarnasse uma força oposta: o mágico tornou-se um feiticeiro negro atormentado e movimentando com ele as forças do mal; a imperatriz está ligada à vida e às forças do bem – se quisermos adoptar a visão cândida e maniqueísta dos contos de fadas.

Mas assim é a obra, e logo ao início acompanhamos este confronto entre as forças do bem e as forças do mal, umas incarnando o dia, outras a noite. São dois coros que, ao início, se disputam. O coro masculino (ligado à força negra do velho mágico) evoca as criaturas que lutam na escuridão nocturna, clamando *“banido seja o dia, banida seja a luz”*. O coro feminino responde: *“banidas sejam as trevas; que o dia nasça e varra as feiticeiras e os cabos de vassoura; que por todo o lado raie a aurora do dia”*.